

ANAIS DO SETA, Número 1, 2007

O QUARTO, FIGURAÇÃO DO INTIMISMO NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN.

Luiz Carlos de MOURA AZEVEDO¹

ABSTRACT: Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), one of the most important Portuguese poets of the second half of the XXth Century, described in several of her poems the sleeping-room, space that is a typical intimate retreat for the self. In analysing how the sleeping-room occurs in her work, we wish to point out the way some of the innermost aspects of the poetic self – such as solitude, the remembrance of past experiences, or the aggressiveness from the outside world – contribute to understand not only Sophia's singular poetic voice, but also her comprehension of human condition.

Em “Dia do Mar no Ar”, poema do livro *Coral*, de 1950, Sophia de Mello Breyner Andresen (Porto, 1919/ Lisboa 2004) compara o quarto a um “cubo”, figura geométrica completamente fechada em todos os seus lados:

(...)
“Dia do mar no meu quarto – cubo
Onde os meus gestos sonâmbulos deslizam
Entre o animal e a flor como medusas”.
(...) (ANDRESEN, 2001:166)

Nesses versos, o eu poético encontra-se confrontado entre a dimensão infinita do mar e os limites mais reduzidos de seu quarto, transformado pela imagem do cubo em algo semelhante a uma prisão, cuja única saída seriam os sonhos, os devaneios, metaforizados pelos “gestos sonâmbulos”.

Esse não é o único poema de Sophia a tratar do quarto como cenário perfeito para a descrição da angústia de um eu voltado inteiramente para dentro de si, isolado em sua dor pessoal. A presença constante do quarto na poesia de Sophia revela a problemática de um sujeito confrontado com sua aflição interna, relacionando-se, assim, à temática típica da chamada literatura intimista, ou como prefere a pesquisadora portuguesa Clara Rocha (Rocha, 1992:11), a “literatura do eu”.

Sophia desempenhou importante papel no contexto da poesia portuguesa dos últimos 50 anos. Ela publicou seu primeiro livro, *Poesia*, posteriormente chamado de *Poesia I*, em 1944. A este se seguiram outros, num total de 14 títulos de poesia, sem contar as antologias, os contos, as histórias infantis, os ensaios e as traduções.

“É difícil dizer com brevidade o quanto [Sophia] significa para a moderna poesia portuguesa”, ressalta o professor Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, “e como foi assumindo a dimensão incontornável que hoje tem” (Reis, 2005:114).

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. E-mail: luizcarlosaze@bol.com.br

Ao falar de sua poesia, Sophia afirma, no texto “Arte Poética II”, incluído em *Geografia*, seu oitavo livro de poesia, cuja primeira edição é de 1967:

Pois a poesia é a minha explicação com o universo, a minha convivência com as coisas [...].Por isso, o poema não fala de uma vida ideal mas sim de uma vida concreta: ângulo da janela, ressonância das ruas, das cidades e dos quartos, sombra dos muros, [...], silêncio, distância e brilho das estrelas, respiração da noite, perfume da tília e do orégão. (Andresen, 1999:95)

Assim, nas palavras dela própria, percebemos sua identificação com alguns dos elementos mais característicos da literatura intimista, modo literário no qual a ênfase recai sobre o “eu” que escreve, ao lembrar suas recordações e memórias como forma de mergulho interior, além de expressar suas dores e tormentos pessoais através do sofrimento provocado pela introspecção.

Especificamente quanto ao quarto, Sophia apresenta uma especial predileção por esse espaço, no qual demonstra o tormento interno do sujeito, frente às adversidades do mundo que o cerca. Através da análise, em detalhe, das ocorrências do quarto na poesia de Sophia, foi possível definir os três capítulos desta dissertação, cada um incluindo um grupo de poemas, estudados a partir do que trazem para ajudar a entender a perspectiva intimista de sua obra poética. O foco é sempre no espaço do quarto e, segundo o poema, surgem menções a outros espaços e ingredientes freqüentes no intimismo.

A seguir, apresentamos um resumo de cada capítulo.

O quarto e o silêncio

Sophia utiliza o silêncio como um sintoma categórico do eu solitário. Abrimos o primeiro capítulo com “Manuel Bandeira”, homenagem ao poeta brasileiro (1886/1968), originalmente incluído em *Geografia*:

“Este poeta está
Do outro lado do mar
Mas reconheço sua voz há muitos anos
E digo ao silêncio seus versos devagar

Relembrando
O antigo jovem tempo quando
Pelos sombrios corredores da casa antiga
Nas solenes penumbras do silêncio
Eu recitava
‘As três mulheres do sabonete Araxá’
E minha avó se espantava”

Manuel Bandeira era o maior espanto da minha avó
Quando em manhãs intactas e perdidas
No quarto já então pleno de futura

Saudade
Eu lia
A canção do “Trem de ferro”
E o “Poema do beco”
(...) (Andresen, 1999:78)

A lembrança de Manoel Bandeira está ligada ao “silêncio”, indicando o caráter de introspecção que toma conta do sujeito, sensação logo a seguir reforçada pelo ambiente doméstico dos “sombrios corredores da casa antiga” e do “quarto”, este pleno de futura/Saudade”.

Já no texto poético “As grutas” (Andresen, 1991:175), de *Livro sexto*, de 1962, a repetição do “silêncio”, por quatro vezes, reitera o estado de introspecção do sujeito, além de sinalizar um desejo de “perfeição” e de “beleza”, a ser encontrado em um “novo mundo”, em oposição ao mundo real, destroçado e imperfeito, do qual, para fugir, o eu mergulha não só no universo submarino, mas também em sua angústia interior.

“As Nereides”, também de *Geografia*, apresenta um quarto “denso de silêncio puro”:

“Pudesse eu reter o teu fluir, ó quarto,
Reter para sempre o teu quadrado branco
Denso de silêncio puro
E vida atenta

Reter o brilho
Da Cassiopeia em frente da janela
Reter a queda
Das ondas sobre a areia
E habitar para sempre o teu espelho”
(...) (Andresen, 1999:78)

Além do contraste entre a eternidade, representada pela constelação de Cassiopéia, e a finitude do homem, percebemos, em “As Nereides”, dois dos elementos mais caros ao intimismo, a janela e o espelho este contribuindo para revelar aspectos narcisistas do sujeito. Por outro lado, o movimento de queda das “ondas sobre a areia” contribui para a imagem do eu afundado dentro de seu tormento interior.

Em “Instante”, outro poema de *Livro sexto*, o silêncio está diretamente ligado a duas das obsessões de Sophia, “as coisas” e a cor branca:

“Deixai-me limpo
O ar dos quartos
E liso
O branco das paredes

Deixai-me com as coisas
Fundadas no silêncio” (Andresen, 1991:136)

O quarto, o frio e o vazio

A primeira menção ao quarto, na obra poética de Sophia, acontece em *Poesia I*, num poema de uma única estrofe, “Corpo a Corpo”:

“Lutaram corpo a corpo com o frio
Das casas onde nunca ninguém passa,
Sós, em quartos imensos de vazio,
Com um poente em chamas na vidraça.” (Andresen, 2001:57)

Há um clima de profunda solidão, a partir das “casas onde nunca ninguém passa”. O título “Corpo a Corpo” repetido no primeiro verso, caracteriza uma situação de combate, evidenciada pelo “Lutaram”. Esse enfrentamento, ao acarretar padecimento e dor, tornará bem nítida a figura do sujeito que sofre, mesmo estando no plural.

Opondo-se ao frio das casas e ao vazio de seus quartos, há “um poente em chamas na vidraça”. As “chamas” sugerem a visão algo apocalíptica de um inferno, talvez o provocado pelos bombardeios das cidades europeias, se considerarmos que *Poesia I* foi lançado em 1944, em plena II Guerra.

A utilização, por Sophia, de cenários definidos pela sua vacuidade, e não pelo que apresentam de concreto, repete-se em outros poemas. Como em “No Ponto Onde o Silêncio”, também de *Poesia I*:

No ponto onde o silêncio e a solidão
Se cruzam com a noite e com o frio
Esperei como quem espera em vão
Tão nítido e preciso era o vazio. (Andresen, 2001:75)

A “noite” significa uma localização temporal importante para a composição da tortura do sujeito, nesse e nos dois poemas citados a seguir. O primeiro, “O Vento”, (Andresen, 2001:175), de *Coral*, traz um sujeito enclausurado num recinto de “janelas fechadas”, contra as quais bate o vento. E, em “Noite”, de *Mar Novo*, 1958, o eu poético vê-se completamente só, isolado entre as “paredes brancas” do quarto:

“Sozinha estou entre paredes brancas
Pela janela azul entrou a noite
Com o seu rosto altíssimo de estrelas”. (Andresen, 1991:82)

O quarto como prisão

Como já vimos, em “Dia do Mar no Ar”, de *Coral*, o sujeito encontra-se confrontado entre a dimensão infinita do mar e as medidas mais reduzidas do quarto, que assume a forma de um “cubo”, figura geométrica completamente fechada, passando, com perfeição, a imagem do sujeito preso à sua própria aflição.

No ambiente limitado do quarto-prisão, restam ao sujeito apenas seus “gestos sonâmbulos”, como se ele não estivesse vivendo, mas sonhando. Em “Apesar das

Ruínas e da Morte”, de *Poesia I*, encontramos outro exemplo da recorrência aos sonhos como esperança de um renascimento, uma nova vida:

“Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.” (Andresen, 2001:15)

Já em “O Jardim e a Noite” (Andresen, 2001:20), também de *Poesia I*, os sonhos aparecem de maneira absolutamente contrária, chegando a ser comparados à própria morte, num par de versos altamente significativo, “E os meus sonhos sepultados/ Vivos e inteiros”.

O círculo representa um tema recorrente na poesia de Sophia. Em *Livro sexto*, no poema intitulado “Círculo”, o rigor geométrico do “círculo fechado” cerca completamente o sujeito, sem nenhuma perspectiva de escape, a não ser a inevitável morte:

“Num círculo se move
Num círculo fechado

Sua morte o envolve
Como uma borboleta
(...) (Andresen, 1991:175)

É nítida a figura de alguém acossado, num círculo-prisão envolvente como o casulo no qual está encerrada a larva de uma borboleta.

“Assassinato de Simonetta Vespucci”, de *Coral*, apresenta uma perspectiva diferente do aspecto aprisionador dos quartos:

Homens
No perfil dos quartos
Nos ângulos mortais da sombra com a luz.
(...)

Vê como pairam longamente os olhos
Cheios de liquidez, cheios de mágoa
De uma mulher nos seus cabelos estrangulada.

E todo o quarto jaz abandonado
Cheio de horror e cheio de desordem.
E as portas ficam abertas,
Abertas para os caminhos
Por onde os homens fogem,
No silêncio agudo dos espaços,
Nos ângulos mortais da sombra com a luz. (Andresen, 2001:194)

A primeira estrofe já traz um prenúncio da morte, a seguir explicitada na “mulher nos seus cabelos estrangulada”, figura que, além de remeter à personagem Ofélia, do

autor inglês William Shakespeare (1564/1616), revela uma certa atração fetichista pelos cabelos, notada também em outros poemas de Sophia.

Nos versos finais, o quarto “jaz” (outra vez a morte) “abandonado”. A descrição da fuga, através de portas “Abertas para os caminhos”, sugere a possibilidade de um encarceramento, anterior a essa fuga.

No entanto, trata-se de um poema ambíguo, pois Simonetta Vespucci, (1453/1476), embora tenha existido realmente, não morreu assassinada, mas de tuberculose. Foi considerada uma das mulheres mais belas de Florença, onde viveu, tendo sido modelo para pintores como Sandro Botticelli (1445/1510), que teria se inspirado nela para a figura central de seus quadros *A primavera* e *O nascimento de Vênus* (ambos na Galleria degli Uffizi, Florença, Itália). Podemos, talvez, levantar a hipótese de, ao assassinar Simonetta, estar Sophia (à semelhança das divindades mitológicas, presentes em sua poesia) tentando puni-la, justamente por causa de sua beleza.

O terceiro capítulo examina, ainda, dois poemas. “Acordo” (Andresen, 2001:179), de *Coral*, não menciona diretamente a prisão. Mas visualizamos um eu poético completamente murado por um “medo” intenso, logo ao acordar. É assim destacado o papel fundamental do quarto na vida do sujeito, pois se trata do espaço no qual ele acorda todos os dias – acordar, aliás, que remete ao próprio nascimento do homem.

Finalmente, “Por Delicadeza” (Andresen, 1999:241) de *O nome das coisas* (primeira edição em 1977), poema no qual Sophia cita o poeta francês Arthur Rimbaud (1854/1891), paradigma da modernidade, e que traz a dança como metáfora da liberdade, em oposição à prisão.

Referências Bibliográficas:

- ANDRESEN, S. de M. B. (2001) *Obra poética I*. 6ª. ed. Lisboa: Caminho.
_____. (1999) *Obra poética III*. 4ª. ed. Lisboa: Caminho.
_____. (1991) *Obra poética II*. Lisboa: Caminho.
REIS, C. (2005) “A poesia portuguesa na posteridade do modernismo”. *Metamorfoses* 6, 111-113.
ROCHA, C. (1992) *Máscaras de Narciso – estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*. Coimbra.